

## A DEFINIÇÃO DE REGRA VARIÁVEL: ALGUMAS REFLEXÕES

*Ivanilde da Silva\**

### 1. Considerações iniciais

Em virtude das transformações categoriais e semânticas que a forma **a gente** sofreu ao longo dos tempos, passando de substantivo a pronome pessoal, **a gente** compete, atualmente, com outras formas (in)determinadoras, como: *eu, eu+tu/você, nós, eu+ele(s), os caras, as pessoas*, entre outros recursos (cf. MENON, 1994; ZILLES, 2003 e BORGES, 2004). Os exemplos abaixo ilustram alguns dos referentes citados:

(1) existem várias doenças dentro da medicina, que surgem especificamente pra parte cirúrgica, que **a gente** pode constatar, são doenças que **nós** podemos classificar como neoplásicas, doenças de ordem vascular [...] (Neurocirurgião, idade: 29).<sup>1</sup>

(2) Jô – é verdade. Ohhh voltando a falar do negócio do DOPs, quer dizer, foi difícil de entrar, apesar de tudo isso [...] bateu o que, bateu aquela sensação de pânico, vamos dizer assim?

Secretária – o meu coração disparou, ah as mãos ficaram geladas, ah todos tudo que é conhecido como a síndrome do pânico. E eu pensei que eu tenho que me controlar, eu não posso demonstrar com tanta força o que que ta acontecendo dentro de mim e com o tempo **a gente** administra, né?! (Secretária da Cultura do estado de SP, idade: +/-50).<sup>2</sup>

Os fragmentos de fala acima mostram que as duas expressões de sujeito **nós** e **a gente** podem designar vários referentes e, além disso, são intercambiáveis porque podem ser alternadas sem provocar mudança referencial.<sup>3</sup> No exemplo (1), a interpretação das formas **a gente** e **nós**, respectivamente, como *genéricos* é possível devido às informações contextuais presentes no domínio discursivo. Da mesma maneira, no exemplo (2), o pronome **a gente** designa *eu/emissor*. Isso quer dizer que somente as formas pronominais em questão, sem o apoio de fatores contextuais, não são auto-suficientes (cf. KOCH; MARCUSCHI, 1998) para a interpretação dos respectivos referentes: *os cirurgiões de modo geral* e *eu/emissor*.

Dada a peculiaridade multirreferencial de **nós** e **a gente**, o objetivo deste artigo é refletir sobre a noção de regra variável, já que a sistematização de formas variáveis não se restringe somente a fenômenos fonológicos (cf. WEINER; LABOV, 1983). A variação dos pronomes em questão foi investigada, na posição de sujeito, para mostrar que veiculam o

---

\* Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>1</sup> Entrevista realizada em Blumenau/SC por uma jornalista.

<sup>2</sup> Entrevista exibida no Programa do Jô em dezembro de 2003.

<sup>3</sup> Dependendo do contexto, *mudanças estilísticas* podem entrar em cena e, possivelmente, em contextos mais formais de interlocução (cf. LABOV, 1978), o pronome **nós** prevaleça.

mesmo estado referencial (ou veiculam o mesmo referente na posição de sujeito), apesar de possuírem propriedades referenciais diversas se analisadas dentro de *eventos discursivos*.<sup>4</sup>

## 2. Variação nos estudos sintáticos – breves palavras

Para sistematizar o estudo de variáveis lingüísticas na comunidade de fala, a metodologia laboviana opera com variantes, que, de acordo com Tarallo (1999, p. 8), “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”.

No âmbito fonológico, como mostraram alguns estudos labovianos, os conceitos de *mesmo contexto* e *mesmo valor de verdade* não são questionados, entretanto, quando a variação entre formas passa a ser considerada a outros níveis de análise, como, por exemplo, nos sintáticos, a noção de regra variável pode não ser tranqüilamente aceita.

Labov & Weiner (1983) estudam a intercambialidade das estruturas *passivas sem agente* e *ativas com sujeito genérico* considerando-as como variantes de uma mesma variável. A grosso modo, para os autores, estas estruturas mantêm o mesmo significado referencial, por veicularem o mesmo estado de coisas. Nesse estudo, fatores sociais, que no âmbito da fonologia costumavam ser significativos, não interferiram na variação entre as formas analisadas. Assim, os autores chegam à conclusão de que ambas as estruturas são semanticamente equivalentes e o que motiva a utilização de uma ou de outra estrutura sintática são fatores internos.

Em contrapartida, Lavandera (1977) não aceita a variação de elementos lingüísticos que não sejam do âmbito fonológico. Para a autora, a variabilidade de formas além da fonologia possui por definição somente um significado. Em outras palavras, a variação em outros níveis de análise afeta formas e nuances de significados próprios a cada construção e por isso a noção de regra variável seria limitada à fonologia, impossibilitando, desse modo, que formas sintáticas sejam consideradas variantes de uma mesma variável. A autora propõe em seu artigo que a noção de mesmo significado seja ampliada para *comparabilidade funcional*. Daí sentenças como “tá quente aqui” e “liga o ventilador” são estruturas comparáveis porque funcionalmente transmitem a idéia de calor.

Bentivoglio (1987:14), ao discutir a variação além dos estudos fonológicos, sugere que contextos variáveis como os casos encontrados na fonologia não serão iguais aos fenômenos sintáticos encarados como variáveis, pois “as razões que sustentam a impossibilidade de encontrar casos de autêntica variação sintática são indubitavelmente fortes”. É preciso salientar que a delimitação de uma regra variável não fonológica exige cuidados para que os casos analisados mereçam o rótulo de variável lingüística (cf. OLIVEIRA, 1987), ou seja, *o envelope de variação* deve ser constituído de variáveis lingüísticas que veiculem o mesmo valor de verdade dentro do mesmo contexto.

---

<sup>4</sup> Conteúdo de uma entrevista inteira, por exemplo.

### 3. As variantes *nós* e *a gente* – camaleões pronominais

Questionamentos iniciais se fazem necessários para lidar com a variabilidade referencial das formas pronominais em questão sem prejudicar a noção de regra variável postulada pelos estudos labovianos. Assim, as questões são as seguintes: como delimitar a regra variável para os pronomes **nós** e **a gente** já que podem designar referentes diferentes? Esses pronomes são variantes de uma mesma variável? Ou existem várias regras variáveis em jogo?

Os pronomes **nós/a gente** podem designar, no decorrer de uma entrevista, por exemplo, *um grupo de pessoas, eu+tu, eu/emissor ...* Como bem postulou Bentivoglio (1987, p.14), “se quisermos encontrar contextos iguais tal como fazemos em fonologia, deveríamos renunciar antes de começar” a investigar outros fenômenos fora do âmbito fonológico.

Os pronomes **nós/a gente** são duas formas alternantes de expressar o sujeito que dentro do domínio discursivo têm a possibilidade de veicular uma escala de referentes (in)determinados. O lugar privilegiado para que essas variantes sejam interpretadas é o discurso, já que o léxico apenas, ou melhor, as formas pronominais não são auto-suficientes para designar (por si só) seus referentes (cf. KOCH; MARCUSCHI, 1998).

Deste modo, como considerar as formas pronominais **nós/a gente** como variantes se elas mudam de cor, ou seja, veiculam uma gama de referentes (in)determinados conforme o desenrolar das atividades discursivas? Duas alternativas serão propostas para se tentar “resolver” o problema da variável para os casos de **nós** e **a gente**, na posição de sujeito.

Uma das alternativas seria restringir a lente de análise, delimitando para cada significado uma regra variável, **nós/a gente**. Dessa maneira, há várias regras variáveis atuando dentro do mesmo contexto sintático. Outra alternativa seria ampliar o domínio da regra variável, aumentando, o foco de análise, de modo a abranger todos os significados possíveis dentro de uma escala de possibilidades. O fenômeno investigado seria, então, o processo de *(in)determinação do referente* que se manifesta através de duas expressões distintas de sujeito, **nós/a gente** (cf. SILVA, 1992). Neste último caso, o falante possui duas formas diferentes de expressar o sujeito, ou melhor, de veicular uma escala de significados que estariam dentro do mesmo *domínio funcional* (ou domínio discursivo), preservando o mesmo estado referencial. Os dois quadros abaixo mostram ambas as propostas:

#### Uma regra variável para cada significado

<b>nós/a gente</b> =eu
<b>nós/a gente</b> =eu+tu
<b>nós/a gente</b> =eu+tu+ele(s)
<b>nós/a gente</b> =eu+ele(s) - [eu+meu(s) irmão(s)]
<b>nós/a gente</b> =genérico

Quadro 1 – contexto: posição de sujeito

#### Uma regra variável apenas

<b>nós/a gente</b> =eu
=eu+tu
=eu+tu+ele(s)
=eu+ele(s) - [eu+meu(s) irmão(s)]
=genérico

Quadro 2 – contexto: posição de sujeito

É preciso salientar que cabe ao pesquisador eleger condicionamentos de outros níveis de análise, como os semânticos, por exemplo, para investigar quais motivações favorecem

o uso de uma ou outra forma pronominal (cf. OLIVEIRA, 1987). É importante também ressaltar que dentro *do mesmo domínio funcional* os referentes são diversos, mas mantêm o mesmo valor de verdade, preservando o mesmo estado de coisas em virtude da atuação de uma regra variável (quadro 2) que possibilita ao falante duas estratégias de designar referentes (in)determinados.

O quadro abaixo mostra a variabilidade de referentes que *nós* e *a gente* podem designar numa situação de interlocução. Quanto à intercambialidade, a forma pronominal *a gente* pode ser alternada por *nós*, e vice-versa, preservando o mesmo “significado” referencial :

<p>Secretária – meu pai é Romeno e minha mãe é húngara ... e eles sempre se preocuparam com a profissionalização, inclusive, da mulher [...] Então <b>a gente tem que trabalhar, a gente tem que pensar</b>, não é que <b>a gente necessariamente necessitava</b>, mas <b>a gente vivia</b> nesse espírito de que a vida é uma coisa de que sempre precisa realizar ... E meus irmãos e eu, <b>decidimos que nós íamos vender</b> suco do lado do fruteiro da nossa casa. <b>Fomos</b> um fracasso empresarial completo ...</p>	<p><b>A gente tem que trabalhar/pensar</b>=todas as pessoas ou as pessoas da família?<sup>5</sup>  <b>A gente necessitava/vivia</b>=as pessoas da família.  <b>Decidimos que nós íamos vender</b>=meus irmãos e eu.  <b>Fomos</b>=meus irmãos e eu.</p>
<p>[...] Secretária – olha o João Carlos teve oportunidade de ver na FEBEN ... ahh <b>nós lançamos</b> essa semana passada ahhh 75 orquestras de crianças e jovens nas FEBENs. Por que que <b>a gente lançou</b>? Porque <b>nós já temos</b> 110 crianças como estas, chama-se projeto Guri é um projeto que eu já encontrei na secretaria e que <b>nós resolvemos fazer crescer</b> [...]</p>	<p><b>Nós lançamos</b>=a secretaria da cultura ou eu/secr. de cult.?  <b>Que a gente lançou</b>=a secretaria da cultura ou eu/secretária da cultura?  <b>Nós já temos</b>=a secretaria da cultura ou eu/secretária tenho ou o estado de São Paulo ou as famílias ...?  <b>E que nós resolvemos fazer crescer</b>=a secretaria da cultura ou eu/secretária de cultura?</p>

O que se percebe é que não importa qual das duas formas seja empregada pelo falante, porque a referência estabelecida no domínio discursivo permanece a mesma. Cabe ressaltar aqui a importância de se analisar informações prévias e posteriores aos pronomes em questão em virtude de motivações de fatores de ordem diversa, como: *o tempo* e *o aspecto verbal*, *o conhecimento compartilhado* etc (cf. KOCH; MARCUSCHI, 1998, MARCUSCHI, 2003).

Metaforicamente, **nós** e **a gente** são *pronomes camaleões* que mudam de cor na proporção em que o discurso se desenrola. Na verdade, uma mesma forma pronominal pode significar os mesmos ou diferentes referentes, e a referência estabelecida pode estar sujeita a outras interpretações. Assim, como o ouvinte/leitor consegue interpretar o referente se só

<sup>5</sup> Os pontos de interrogação sinalizam mais de uma interpretação referencial.

as formas pronominais **nós/a gente** não são auto-referenciais? A informação parece não estar explícita lingüisticamente nas formas e sim no próprio desenrolar das atividades discursivas, por isso a importância de se analisar fatores estruturais e não-estruturais para que o referente seja interpretado.

De acordo com Koch & Marcurschi (1998, p. 174), “no contexto do discurso, todos os referentes são evolutivos, já que sempre haverá uma mudança”, isto é, os referentes se modificam na medida em que o discurso prossegue. Isto quer dizer que estas formas pronominais podem alternar suas “cores” como *camaleões* que se “adaptam” ao ambiente podendo veicular “significados” referenciais distintos, como, por exemplo: *eu/emissor, eu+tu, os neurocirurgiões em geral etc.* Conforme Albán e Freitas (1991, p.35), essas categorias abrangentes das formas pronominais **nós/a gente** “não apresentam marcas formais que as distingam, sendo evidenciadas apenas a partir do contexto mais amplo, do enunciado, ou mesmo do discurso”.

Essa gama referencial não prejudica a premissa inicial de regra variável: “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto com o mesmo valor de verdade”, pois essas formas de expressar o sujeito são intercambiáveis, ou seja, elas co-ocorrem preservando o mesmo estado de coisas: *eu, eu+tu, eu+ele(s)*, por exemplo.

Entretanto, como bem salientou Labov (1978) e Oliveira (1987), é preciso cercar *o envelope da variação*. O pronome **a gente**, por exemplo, não está em variação em todos os contextos sintáticos. Essa forma não possibilita associação com determinantes<sup>6</sup>, como o que acontece com o pronome **nós**: *todos nós, nós dois etc* (cf. OMENA, 2003, p.65), e expressões como: “digamos assim”, “vamos dizer”, “vamos supor” parecem ser fixas.

#### 4. Considerações finais

Conforme discutido, não só os casos de variação fonológica podem ser sistematizados. Como postulou Labov (1978), *o envelope de variação* deve ser bem delimitado para que os elementos lingüísticos analisados mereçam o rótulo de variáveis.

Os pronomes intercambiáveis **nós** e **a gente**, por exemplo, como bem postularam Koch e Marcuschi (1998, p.189), “vão sendo submetidos a uma série de mudanças” no decorrer do discurso, modificando suas cores de acordo com a exigência de cada ambiente. O processo de *(in)determinação do referente*, manifestado através dessas duas expressões distintas de sujeito, não prejudica a noção de regra variável postulada por Labov em seus primeiros estudos sociolingüísticos, pois seus referentes permanecem sempre os mesmos na posição sintática em que as variantes co-ocorrem. Na realidade, como sugerido neste artigo, há a atuação de uma regra variável que possibilita ao falante expressar uma escala de significados *(in)determinados dentro do domínio discursivo*, sem com isso prejudicar os princípios de variável lingüística, mesmo contexto e mesmo valor de verdade (referencial).

---

<sup>6</sup> Na fala, o problema da quantificação é resolvido da seguinte maneira: “**a gente tudo** foi passear”; “**nóys tudo** fumu passear”, havendo a possibilidade de variação entre as formas em questão nesses casos.

**REFERÊNCIAS**

- ALBAN, M. R.; FREITAS, J. Eu, você et alia em três diálogos. **Estudos Lingüísticos e Literários**, n. 11, Instituto de Letras. Salvador: UFBA, p.25-38, 1991.
- BENTIVOGLIO, P. A. A variação nos estudos sintáticos. **XIV Estudos lingüísticos. Anais de seminários do GEL**. Campinas, Unicamp, p.7-29, 1987.
- BORGES, P. R. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro**: análise histórico-social lingüística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. Tese de doutorado. UFRS: Porto Alegre, 2004.
- KOCH, I. V.; MARCUSCHI, L. A. **Processos de referência na produção discursiva**. *D.E.L.T.A.*, v.14, n. especial, p.169-100, 1998.
- LABOV, W. & WEINER, J. Constraints on the agentless passive. **Journal of Linguistic** 19(1). p. 29-58, 1983.
- LAVANDERA, B. R. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language Society**. Printed in Great Britain, v.7, p.171-182, 1977.
- MARCUSCHI, A. Atividades de referência, inferência e categorização na produção de sentido. In. Heloísa Pedrosa de Moraes Feltes (Orgs.). **Produção de sentido**. São Paulo: Annablume; Estudos transdisciplinares. Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: educs, 2003, p. 239-261.
- MENON, O. P. S. **Analyse sociolinguistique de l'indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, à partir des données du NURC/SP**. Université Paris VII, 1994.
- OLIVEIRA, M. A. DE. **Variável lingüística**: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical. *D.E.L.T.A.* v.3, n.1, p.19-34, 1987.
- OMENA, N. P. Referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In.: PAIVA, M. C.; DUARTE, E. L. (orgs.). **Mudança em tempo real**. Rio de Janeiro: Capa Livraria, p. 63-80, 2003.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. 6ª edição. São Paulo: Ática, 1999.
- WEINREICH, U. LABOV, W. & HERZOG, M. "Empirical foundation for a theory of language change". IN: Lehman & Malkiel (ed.) **Directions for historical linguistics**. Austin, University of Texas Press, 1968.
- ZILLES, A. M. S. Real, apparent, or both? **Three types of evidence for a grammaticalization change in progress in Brazilian Portuguese**. 32 nd NWAVE – University of Pennsylvania. Philadelphia, October, 2003.